

DA NEUROSE DE TRANSFERÊNCIA À TRANSFERÊNCIA DE TRABALHO.

Elaine Starosta Foguel

"A partir do ano de 1902, certo número de jovens médicos reuniu-se em torno de mim com a intenção expressa de aprender, praticar e difundir o conhecimento da psicanálise. [...] O pequeno círculo logo se ampliou e, no transcorrer dos cinco anos seguintes muitas vezes mudou de composição. [...] Houve apenas duas circunstâncias inauspiciosas que terminaram por me afastar internamente do grupo. Não consegui estabelecer entre os seus membros as relações amistosas que devem prevalecer entre os homens que se acham empenhados no mesmo trabalho difícil, nem consegui evitar a competição pela prioridade a que dá margem, com tanta freqüência, esse tipo de trabalho em equipe."¹

O folder deste congresso faz um forte alerta aos analistas ao apontar da instituição analítica...o pior. Isso evidencia, além do desejo de debater, a angústia em que vivem todos aqueles que cuidam, com rigor e carinho, do campo psicanalítico. Angústia justificada, pois são tempos difíceis.

Nas instituições, as questões da transmissão da psicanálise e da formação do analista se colocam num **campo contaminado**, o que já nos adverte: é uma operação delicada, **infectada** pela neurose de transferência das análises dos candidatos a psicanalistas.

Vejamos: no Seminário *Os escritos técnicos de Freud*², Lacan propõe um esquema ótico onde, no lugar do espelho plano, há um vidro transparente. O que ocorre? Ele responde: "Vocês se vêem no vidro e vêem os objetos além. Trata-se justamente disto - de uma coincidência entre certas imagens e o real", os objetos reais estão no mesmo lugar que o objeto imaginário, que foi libidinizado, que se tornou desejável.

Este esquema mostra três situações que Freud denominou de regressivas: 1) o **sonho**, com a satisfação alucinatória de desejo; 2) o **apaixonamento** que Freud compara a um enloquecimento, 3) **a transferência** onde a mesma captação narcísica ocorre na análise, de forma automática, [...] na medida em que a sessão analítica liberta a palavra das amarras do ideal do eu, levando o analisante a uma **projeção narcísica máxima**.

Lacan introduz aqui uma importante distinção: esta é a transferência imaginária que faz agir o eu ideal. Só depois a transferência simbólica poderá se constituir, mas isto demanda um tempo de análise para cada um. As operações de falta, a construção do fantasma, e a queda do sujeito suposto saber no fim do tratamento estarão em jogo neste processo singular. E isso é assim, em cada análise.

No entanto, o quadro descrito faz parte da estrutura da formação dos analistas. Está no dia a dia das escolas. Vem do real que nos causa, um a um. Uma parte do trabalho feito nos grupos deriva deste amor imaginário, mas não é aconselhável que se ergam estruturas institucionais nestas bases: os efeitos que a regressão narcísica máxima de vários pode produzir num grupo não são propícios à almejada construção de saber que é a causa mesma da reunião institucional. Ler textos difíceis, pesquisar, reler, resumir, reler, apresentar trabalhos, debater, reler; articular, escrever. Devemos nos lembrar que, à dificuldade da teoria, soma-se a dor do texto, a angústia que ele pode provocar no leitor.

¹ Freud, 1914, p. 36.

² Lacan, 1953-1954, p. 165.

Não é simples, e não é fácil conviver na instituição com os tempos de projeção narcísica máxima de cada um, nem para os analisantes; nem para os analistas; nem para os outros membros, que, por sua vez, estão em algum ponto de suas análises, ou já as concluíram. E a questão não se resolve na base da compreensão coletiva do fenômeno, mesmo porque a compreensão é imaginária e instável.

Então, o que fazer com isso, que é real, que é cotidiano, que é estrutural, para que se preserve o trabalho da transmissão e a formação do psicanalista? **Em outras palavras, como restringir ao máximo a neurose de transferência ao dispositivo analítico e esclarecer que a escola se faz em torno da transferência de trabalho com a escritura psicanalítica? É legítimo que a instituição almeje esta passagem, ou dependerá única e exclusivamente da direção que o tratamento de cada um tomar?**

Tomo a questão por um outro viés: não é possível calcular, pois isso não está geralmente esclarecido de antemão, o que cada um **deseja** quando **demand**a ingressar num grupo de estudos numa instituição de psicanálise; se é para ler e estudar, se é para ouvir outros participantes, se é para contemplar o analista, se é para ser contemplado com o olhar do analista, se é para observar a pessoa do analista, se é para gozar de sua própria inibição em relação ao texto, se é para buscar uma completude imaginária de pertencer a um grupo, se é para ter o nome escrito numa lista, se é a soma de algumas destas coisas ou, mesmo, todas juntas.

O panorama se complica, pois a idéia é que a instituição sustente o trabalho de percurso de seus membros.

O longo trajeto do ensino de Lacan demonstrou, na crítica constante à Associação Internacional de Psicanálise, que a prática da autorização do psicanalista pela instituição não possui sustentação ética; na proposição de 9 de outubro de 1967 ele profere o que seria a pedra fundamental das instituições lacanianas de psicanálise: “Primeiro, um princípio: o psicanalista só se autoriza por si mesmo.” Em seguida faz a ligação desta autorização com a Escola: “Isto não exclui que a Escola garanta que um analista depende de sua formação”.³

É uma subversão que denuncia que nenhuma modalidade institucional, nenhuma análise didática pode garantir que alguém ocupe o lugar de analista ao final de sua análise.

O autorizar-se por si próprio, que devolve a cada um o enfrentamento com seu desejo, também deu lugar a que se interpretasse rapidamente que cada um faz percurso de acordo com seu próprio desejo, o que pode ser problemático no que se refere ao acompanhamento da construção da obra freudiana e lacanianana. Se, por um lado, a ética do desejo é tudo o que temos, é o que nos move, por outro o desejo não é um conceito unívoco, e que tem que ser qualificado.

O desejo, para Freud, é o que há de mais subversivo no humano: ele é inconsciente, infantil, perverso, polimorfo, insatisfeito, divide o aparelho psíquico, ultrapassa o eu, desconcerta.

O grafo do desejo desenvolvido por Lacan estabelece a estrutura alienada do desejo. A psicanálise afeta a relação do sujeito com o desejo no sentido de implicá-lo em sua

³ Lacan, 1967, p.29.

estrutura. Porém, haverá um tempo de estranhamento, de recrudescimento do sintoma, de sintomas transitórios, de angústia, enfim, justamente as situações nas quais Freud recomendava ao analisante que não tomasse decisões importantes, isso é, o desejo estaria comprometido, e deveria ser posto em suspensão.

Então, **paradoxo**: por um lado, a ética do desejo como **verdade** do sujeito é o que dirige o fazer analítico e é o que legitima o analista no seu percurso; por outro lado, a confrontação com a estrutura do desejo durante a análise provoca angústia em vários graus. Então, qual o desejo que pode mover o fazer institucional, isto é um desejo que seja a verdade de cada um e de mais de um ao mesmo tempo, e que funcione **mais além e apesar dos** efeitos da neurose de transferência? Existe tal estrutura desejante?

No Seminário da Ética, (1960) Lacan enuncia a idéia do **desejo do analista**, onde o complemento nominal **do analista** vai introduzir na teoria a dimensão de um desejo prevenido (*désir averti*): “O que o analista tem a dar, contrariamente ao parceiro do amor, é o que a mais linda noiva do mundo não pode ultrapassar, ou seja, o que ele tem. E, o que ele tem, nada mais é do que seu desejo, como o analisado, com a diferença de que é um desejo prevenido. O que pode ser tal desejo, propriamente falando, o desejo do analista? Desde já, podemos no entanto dizer o que ele não pode ser. Ele não pode desejar o impossível.”⁴

Dizer que no lugar do analista o desejo não poder tender ao impossível, é dizer que a castração impede o psicanalista de gozar nesse lugar; pressupõe uma longa psicanálise por parte do psicanalista. Não deixa de ser uma releitura da regra de abstinência que o gênio de Freud tão cedo sacou como condição *sine qua non* no dispositivo analítico. “Advertido” pressupõe que o analista pague com sua pessoa, “[...] pela transferência ele é literalmente des-possuído dela.”⁵

Mas atenção, tanto a abstinência, quanto o desejo do analista, são produtos do trabalho da psicanálise de cada um, não são deliberações da vontade própria do ego.

A idéia “**desejo do analista**” será retomada em outros seminários. Na aula final do seminário os *Quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, em 24 de junho de 1964, Lacan diz que a sustentação do desejo do analista evita que o tratamento tome o caminho de uma identificação do analisante com o analista; o desejo do analista é o desejo de obter **uma diferença absoluta**, isto é, de poder sustentar uma cura visando a singularidade do desejo do analisante. Na Proposição de 9 de outubro de 1967, o desejo do analista se estrutura na destituição subjetiva do final de análise. Lacan o descreve assim: “[...] o que se percebe é que a tomada do desejo não é mais que a de um des-ser.”⁶

De que maneira o **desejo do analista** pode se articular com o fazer institucional? Através da posição ética que nela está implicada. Para garantir a vigência do desejo prevenido também na instituição, Lacan propõe três dispositivos: o cartel, o gradus e o passe.

O cartel é uma estrutura grupal de no máximo cinco pessoas que se reúnem em torno de uma tarefa comum, cada um com seu próprio projeto, um plano de trabalho de acordo com sua singularidade, e da qual cada membro dará para a instituição uma prova escrita

⁴ Lacan, 1960, p. 360.

⁵ Idem, p.249.

⁶ Lacan, 1967, p. 38.

do trabalho. Finda a tarefa, o cartel se dissolve e os membros se reorganizam em outros grupos. O cartel é o modo de implicar cada um na sua formação, fazendo barra ao gozo descrito acima, e impedindo que a estrutura do sujeito suposto ao saber paralise o trabalho de alguns.

Como dispositivo, o cartel não é apenas **mais uma** modalidade didática entre outras. Ele determina uma estrutura do funcionamento da instituição, **independentemente** de haver outras formas de estudo, como os seminários coordenados, a apresentação de casos clínicos, as jornadas em torno de um tema, os congressos. O resultado de cada grupo assim organizado é uma rede complexa de construção de saber e de escritura.

Como dispositivo Lacan instituiu, em 1967, que o cartel tivesse um caráter de obrigatoriedade apenas para os que pleiteiem ser membros da escola; esta estrutura de funcionamento proporciona que cada um tenha um plano de trabalho cuja responsabilidade lhe cabe. É muito provável que o imperativo de produção de uma escritura neutralize o imperativo do **G (A)** que inibe a aproximação ao texto. O cartel esclarece a função da instituição: um compromisso com o significante, com a letra. A instituição seria então uma sociedade científica? Não, pois a psicanálise não se inscreve no discurso do mestre, e nem da universidade. Se assim fosse, não haveria tanta polêmica, pois nestas não se lida com o impossível da relação sexual que dirige o princípio de qualquer interpretação, e separa o nosso campo do da religião. A não existência do Outro do Outro nos coloca fora da garantia de nosso ato de analistas. Porém, não ser uma sociedade científica não demite a escola de psicanálise de seu compromisso.

O outro dispositivo, o **gradus**, na escola proposta por ele em 1967 eram dois: Analista Membro da Escola e Analista da Escola e têm sido alvo de críticas de alguns, e defesa de outros. Temos exemplos de escolas que fizeram um mau uso deste dispositivo, outras que não adotaram este dispositivo, e outras ainda onde este dispositivo é aplicado sem que se transforme numa hierarquia sagrada, onde só os mesmos têm o título e todo poder ao longo dos anos. O gradus não é descrito como uma hierarquia funcional, mas não se sabe de grupos organizados sem hierarquia. E aí entra outro **paradoxo**: a não utilização de algum dispositivo de gradus provoca a hierarquia centralizada dentro da instituição, hierarquia determinada por duas vertentes: a neurose de transferência ao sujeito suposto saber, e a necessidade imaginária de líder. Questão aberta a ser pensada e deliberada em cada grupo.

O outro dispositivo que Lacan propõe é o **passe**, que resultou em desvios sérios da ética analítica na escola por ele fundada. Diante deste significante, muitos analistas tremem, como se estivessem na presença do demo personificado, talvez com razão. Será, então, que temos que recalcar a proposta de Lacan? Ou temos que fazer uma análise e repensá-la? Ainda há futuro para o passe?

Não é boa prática eliminarmos o demoníaco, condenando o passe e fechando a questão, pois o diabo reaparece sob as mais belas formas, como Cazotte descreveu no Diabo Amoroso. Ao rechaçarmos para fora do discurso o significante “passe” estamos negando a questão do **reconhecimento do analista**, que vai reaparecer no real, como já começou a ocorrer: na França, através dos órgãos governamentais da saúde e seguridade social. Em nosso país, a regulamentação da psicanálise por poderes da União veio nos surpreender a todos. Os seguros de saúde privados também querem saber quem são os analistas, e no Brasil, nunca incluíram os analistas leigos; além disso, as igrejas querem

se incluir entre as instituições formadoras. Isto revela que, por mais indignados que estejamos, devemos admitir que estamos recebendo nossa mensagem do Outro sob forma invertida: a **dificuldade** de reconhecer quem é psicanalista é do campo psicanalítico. Desde o início.

Se é certo que a autorização se faz com o verbo reflexivo, o reconhecimento, por sua vez, vem do Outro, vem da “civilização”, recolocando questões de mal estar que, por isso mesmo, devem ser avaliadas. Quando Lacan disse que seu dispositivo do passe foi um fracasso, a praxis do **reconhecimento** ficou mais uma vez para ser discutida, o que a torna mais pesada. A questão está longe de estar fechada.

Em síntese, na proposta de Lacan, os três dispositivos, **cartel**, **gradus**, **passe**, que aparecem em textos diferentes, trabalham juntos na tentativa de assegurar, respectivamente, percurso através da transferência de trabalho, estrutura de escola, e reconhecimento. Enodam de forma borromeana as questões da formação que devem ser regidas pela ética do desejo do analista.

É claro e certo para os psicanalistas que não há tratamento analítico sem o dispositivo psicanalítico inventado por Freud e suas analisantes. Da mesma forma, as instituições não cumprem seu papel sem que haja dispositivos claros compartilhados pela comunidade de analistas que a integram, e onde o desejo do analista possa trilhar um percurso, que aí sim, será de cada um.

Não há ilusões de que os dispositivos, os de Lacan, ou outros que se inventem, possam eliminar completamente o mal estar nos grupos e as incidências do real de cada um na escola de psicanálise; não obstante, como toda lei consentida, o dispositivo estruturado no desejo do analista e na transferência de trabalho, é uma borda ao gozo do A.

BIBLIOGRAFIA

CAZOTTE, Jacques. O diabo amoroso. In: *O Deus odioso: psicanálise e representação do mal*, Marcio Peter de Souza Leite. São Paulo: Escuta, 1991.

FREUD, Sigmund. (1914) A história do movimento psicanalítico. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XIV.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1979.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 5: As formações do inconsciente (1957 - 1958)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 7: A ética da psicanálise (1959 - 1960)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1988.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1979.

LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967. *Letra Freudiana, Documentos para uma Escola*. Rio de Janeiro, n.1.